



SCHUBERT: SONATAS EM LÁ MAIOR, EM DÓ MENOR E EM SOL MAIOR

Uchida (p)

Fundação Calouste Gulbenkian,
Lisboa, dia 21

Mitsuko Uchida pertence àquele seleto grupo de pianistas admirados por outros músicos (pianistas incluídos). Em Londres, onde vive, vejo-a frequentemente a assistir a óperas e concertos. Não pode passar sem música (dela e dos outros). Presença regular em Lisboa, a Gulbenkian ainda não se apercebeu que Mitsuko é DBE (Dame Commander of the Order of the British Empire) desde 2009. (O programa de sala continua a referi-la apenas como CBE.) Grande intérprete de Mozart, Beethoven e Schubert, regressou agora para um programa de três sonatas de Franz Schubert (1797-1828) distanciadas no curto tempo de vida do compositor. A pianista não gosta de misturar compositores. Se em Beethoven, vê o cosmos, Mozart dá-lhe a vida e o amor; com Schubert, fita um horizonte longínquo, entre a vida e a morte. Schubert trabalhou duas dúzias de sonatas, completou onze mas teve apenas três publicadas em vida. Para a I parte do recital, Uchida emparelhou a "Sonata em Lá maior, D. 664" (1819), de pendor jovem e jovial, com a "Sonata em Dó menor, D. 958" (1828), uma das três derradeiras, completada três meses antes de morrer (que abriu o programa). Início dramático, adagio simultaneamente elegante e comovente ponteados por pequenas explosões cromáticas, Menuetto sombrio e etéreo, até tudo se resolver na *tarantella* final que é uma verdadeira dança da morte. A II parte foi preenchida com a colossal "Sonata em Sol maior, D. 894" (1826), uma das três que Schubert viu publicadas. Aqui, o lirismo é atravessado por erupções violentas, brigas rítmicas e até lampejos de mudanças de tonalidade. E se nem tudo foi perfeito, foi tudo profundamente pensado (o que é bem mais importante). Schubert preenche-nos a alma. Nada mais há a acrescentar. Uchida, porém, presenteou-nos com mais um sinal da sua inteligência: uma das seis pequenas peças para piano, op. 19, de Arnold Schoenberg (que ouvimos como um poema sonoro em forma de *haiku*). Parafraseando William Blake, diria que Mitsuko Uchida capta o infinito na palma da mão e a eternidade em (menos de) um minuto. / JORGE CALADO